

# Recessão também serve de pretexto para golpes

O diretor de Marketing do Serviço de Segurança ao Crédito Industrial (SCI), Roberto Brizola, observou que o volume de consultas aos bancos de dados da empresa está aumentando na mesma proporção em que se aprofunda a crise econômica. Ele acredita que muitas empresas estão realmente com dificuldades financeiras, mas assegura que outras simplesmente se aproveitam da situação.

Neste caso, comentou, o perfil das empresas vai desde aquela que é comprada por um novo grupo, que se aproveita da tradição da empresa para dar golpes no mercado, até as "fantasmas", que são criadas apenas para quebrar no futuro.

Seja qual for o motivo, os dados comprovam que a inadimplência e o atraso de pagamentos estão em crescimento geométrico. Pesquisa da Arthur Andersen, com um universo de 169 empresas de médio e grande porte, fazendo um balanço da situação em 1991, dá conta de que, no ano passado, para 40% das empresas, o calote aumentou; para 55%, a situação é a mesma; e apenas 5% constataram redução. Já o número de pagamentos atrasados cresceu 57%.

A pequena empresária Leila Teixeira Victor, da Arteiras Edições, foi uma das vítimas do calote. O sonho dela, das sócias Estela Maris Morales Perlingeiro e da fotógrafa francesa Marie Françoise Delval era ver os cartões-postais da Arteiras, decorados com fotos artísticas, nas grandes e tradicionais papela-

Calote em escala industrial/91			
	AUMENTO	ESTÁVEL	REDUÇÃO
Inadimplência	40%	55%	5%
Pagamento atrasado	57%	37%	6%

FONTE: Arthur Andersen

rias da cidade. Depois de muita negociação, o sonho virou realidade — e também pesadelo: a Piril Comércio de Papelaria levou seis meses para pagar Cr\$ 120 mil por 200 cartões-postais.

O Diretor de Marketing da Piril, Maurício Portela, admitiu que a empresa foi obrigada a pagar vários títulos em protesto em meados de 1991, mas garantiu que a inadimplência foi gerada por terceiros. É que, observa, no caso da Piril, que está há 40 anos atuando neste segmento de mercado, 70% das vendas são feitas para os governos municipal, estadual e federal.

— Como nossos clientes não pagam, acabamos sendo empurrados, em meados do ano passado, para a inadimplência. Cerca de 30% dos nossos títulos só foram pagos em cartório — lembrou Portela, assegurando que a empresa não está se aproveitando da indústria do calote para lucrar. Para exemplificar, ele lembrou que, há dois meses, recebeu um cheque de Cr\$ 400 mil (em valores atualizados) de pagamentos atrasados referentes a compras feitas pelo governo estadual em novembro e dezembro

de 1990 e janeiro e fevereiro de 1991.

Empurrada ou não para a inadimplência, o fato é que Leila Victor garante que levou seis meses para receber da Piril um cheque de Cr\$ 120 mil.

— Liguei mais de seis vezes para cobrar e, por fim, escutei do diretor financeiro da Piril, Maurício Portela, que o cheque era tão baixo que não via motivo para tanto alarde — lembrou ela, comentando que seu advogado, Marco Aurélio Locatelli, desaconselhou a cobrança judicial porque o prejuízo da Arteiras seria ainda maior. A alternativa foi fazer a cobrança em cartório, já que o custo da cobrança judicial chega a Cr\$ 300 mil.

Ao acionar o bancos de dados do SCI, Leila Victor teve acesso à ficha da Piril, e chegou a conclusões desanimadoras. A empresa tinha 20 títulos em protesto, que somavam Cr\$ 9.489.638,74, e mais nove cheques que só foram pagos porque os clientes fizeram cobrança em cartório, num total de Cr\$ 2.021.995,14. (L. M.)